



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

JOANNA LESSA FONTES SILVA

(depoimento)

2015

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA



Projeto: Garimpendo Memórias

Número da entrevista: E-629

Entrevistado: Joanna Lessa Fontes Silva

Nascimento: não informado

Local da entrevista: Universidade Federal de Minas Gerais

Entrevistadora: Jamile Mezzomo Klanovicz

Data da entrevista: 20/11/2015

Transcrição: Jamile Mezzomo Klanovicz

Copidesque: Pamela Siqueira Joras

Pesquisa: Pamela Siqueira Joras

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 1 hora e 36 segundos

Páginas Digitadas: 18 páginas

Observações:

Entrevista realizada para o projeto *Memórias do Programa Esporte e Lazer da Cidade/Vida Saudável* desenvolvido pelo Centro de Memória do Esporte.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Formação; Temática do lazer; Aproximação com o Programa Esporte e Lazer da Cidade (PELC); Atuação em Recife; Círculos Populares de Esporte e Lazer do Recife; Preparação para ser formadora; Atribuições como Articuladora; Planejamento de atividades do PELC; Organização das formações; Estratégias metodológicas; Resultados núcleos e agentes; Acompanhamento aos núcleos; Processo de municipalização; Experiências que marcaram; Contribuição do PELC; Políticas Públicas de Esporte e Lazer;

Belo Horizonte, 20 de novembro de 2015. Entrevista com Joanna Lessa Fontes Silva a cargo da pesquisadora Jamile Mezzomo Klanovicz para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

J.K. – Bom dia Joana!

J.S. – Bom dia Jamile!

J.K. – Agradeço a tua disponibilidade por conceder esta entrevista. E gostaria que tu iniciasse contanto um pouco da tua formação.

J.S. – Eu sou licenciada plena em Educação Física pela Universidade de Pernambuco, uma Universidade Estadual; sou mestre em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco e sou Doutora em Sociologia pela mesma Universidade, a Federal de Pernambuco.

J.K. – E como que a temática do lazer apareceu na tua trajetória?

J.S. – Na verdade o lazer, ele vem *lá* desde a graduação, porque eu participei do movimento estudantil, na Escola Superior de Educação Física de Pernambuco e naquele momento, era um momento muito efervescente de discussão das políticas públicas. Tinha um grupo muito atuante discutindo o direito ao esporte e lazer e como ele deveria ser materializado enquanto política pública. Como parte do movimento estudantil, nós fomos chamados naquele momento a contribuir com os companheiros que estavam discutindo sobre isso em Recife. Era um grupo muito atuante que também já tinha vindo do movimento estudantil de Pernambuco, da Educação Física. A partir da entrada do PT¹ no governo municipal e na prefeitura eles tiveram um espaço que era a diretoria geral do esporte, para levar projetos, levar uma proposta de um projeto específico que se chamasse Círculos Populares de Esporte e de Lazer do Recife. Nós do movimento estudantil fomos chamados a contribuir desde o início, nós fomos fazer arrastão do lazer em uma comunidade de assentamento, de movimento sem teto, depois participamos dialogando

¹ Partido dos Trabalhadores.

com o pessoal na proposição, antes mesmo de já estar no governo, e nesse âmbito, de estagiária mesmo, é que eu participei de um projeto piloto em Brasília Teimosa com um grupo de idosas em que era exatamente esse estudo. Vamos dizer assim, como é que a gente deveria trabalhar com esse direito do esporte e lazer na prática, o que é que isso significava, e a gente já trazia algumas experiências que os colegas tinham acumulado junto a esses espaços que estavam muito efervescentes. Tinha o seminário de políticas públicas, esporte e lazer que estava acontecendo muito naquele momento, tinham experiências municipais que já estavam em curso. Eu não sei se precisar bem, porque naquele momento eu não tinha a consciência que eu tenho hoje. Eu consigo olhar para trás e me localizar mas naquele momento eu ainda não estava tão atenta a essas coisas. Eu não sei precisar algumas coisas com muito detalhamento, mas eu lembro que o grupo foi para o seminário de Caxias do Sul², o seminário de Políticas Públicas era um momento muito efervescente. A partir desses movimentos nos Círculos Populares é que daí em diante o lazer foi continuando a me... [risos].

J.K. – E como que tu iniciou o teu envolvimento com o PELC³?

J.S. – Tem uma forma direta e uma forma indireta [risos]. Do ponto de vista mais direto, eu iniciei meu vínculo com o PELC, acredito que em 2008. Foi quando eu assumi como formadora a partir de um chamado, eu não lembro ao certo se foi um chamado ou um edital, meio que uma convocatória. Eu não vou lembrar ao certo o que é que foi, mas foi quando juntou o que a gente chama de o Grupo dos setenta e sete. Eu participei como formadora do PELC e fui me engajando, acho que eu fiquei 2007, 2008, e como eu tinha bolsa de mestrado na época, eu me desliguei, porque começou a funcionar como bolsa e depois fiz uma seleção para consultora regional e passei no Nordeste. Agora estou como articuladora regional. E de forma indireta, porque o PELC ele emerge, na verdade, dessas experiências anteriores que eu já tinha tido, a gente sempre fala: “Belém, Recife e Porto Alegre são as cidades que inspiram o PELC”. E a gente em Recife fazia convênios com o Ministério do Esporte através do PELC para colocar os Círculos Populares em ação, porque na verdade a diferença entre os dois projetos estava muito mais ligada às especificidades locais do que propriamente uma diferença de projeto. Os Círculos

² Município do estado do Rio Grande do Sul.

Populares, mesmo os círculos tendo surgido antes do PELC, eles eram o *nosso* PELC de Recife, vamos dizer assim. E tinha esse vínculo institucional com o Ministério do Esporte.

J.K. – Certo! E tu poderias falar um pouco mais sobre o que seriam esses Círculos Populares?

J.S. – Sim, os Círculos Populares do Esporte e Lazer foi um projeto municipal, na verdade, foi um grande projeto que se tornou programa e voltou projeto, que orientou as políticas públicas de Recife. Como projeto, ele estava muito pautado nos Círculos de Convivência, semelhante ao PELC. Nós difundimos, nós íamos para as comunidades criar núcleos de esporte e lazer e levando atividades variadas, discutindo com a comunidade, apresentado o projeto, implantando, uma série de coisas. A experiência de Brasília Teimosa⁴ foi muito interessante, inclusive, porque nós chegamos lá a partir de uma demanda que estava colocada, ao mesmo tempo, no orçamento participativo que tinha indicado aquela área como uma área de intervenção, que estava solicitando, e, a partir das lideranças políticas, naquele momento, que colocavam que queriam uma atividade da prefeitura lá. A gente vai, então, conhecer Brasília Teimosa, fazer porta a porta, a gente vai apresentar no Conselho de Moradores o projeto e discutir se aquele projeto efetivamente iria para lá. Fizemos reunião com as lideranças comunitárias, eu lembro muito claramente, uma reunião com a liderança comunitária em um teatro que nós temos lá, o Teatro Barreto Júnior e quem estava à frente naquele momento era Jamerson Almeida⁵, que é um dos... Digamos que é um dos pioneiros em Recife, que estava à frente deste processo. A partir disso eles topam o projeto e a gente começa a ter oficinas de cultura corporal, ou seja, vários conteúdos para os idosos, e um trabalho muito bacana, porque era ao mesmo tempo, lidar com as expectativas que estavam sempre colocadas para o idoso, que é de fazer algum tipo de exercício físico com a possibilidade de efetivamente conhecer a cultura. Era muito gostoso, porque a ginástica, por exemplo, ela não se limitava a ginástica localizada; a gente foi levar a ginástica olímpica, a ginástica artística, e todo mundo: “Mas, como é que os idosos vão fazer Ginástica Artística?” Elas faziam, velinhas, coisas bem elementares, mas que traziam para esse grupo, além do exercício físico, como conhecimento real, delas dizerem: “Viu, tá

³ Programa Esporte e Lazer da Cidade.

⁴ Bairro de Recife.

⁵ Jamerson Antônio de Almeida.

vendo, eu já fiz Ginástica Artística!” Não é no nível do rendimento, mas tem toda uma apropriação. Depois, além disso, na verdade paralelamente, as coisas não são muito sequenciadas; iam se estruturando ações para as diversas problemáticas que estavam lançadas, teve a criação do Esporte do Mangue e era voltada para a juventude, principalmente, a juventude radical que tinha uma demanda muito forte na cidade, porque *sofria* muito com a repreensão policial, com os estigmas. Tinha outro projeto que era sobre o futebol de várzea, que era outro grupo muito ativo que, de forma geral, era recebido nas políticas públicas a partir de moeda de troca. E eles mesmos só sabiam fazer isso, eles só sabiam ir para a prefeitura pedir medalha, material e dinheiro, e a gente conseguiu construir com eles outra relação. A gente construiu um campeonato que era todo discutido e, lógico, com todas as resistências, todas as dificuldades. Mas era exatamente esse processo de construir uma *cultura* nova, uma cultura de participação, que era diferente para os projetos e ia se criando outros elementos. A formação que era muito importante para a gente nos círculos, na verdade era isso que estruturava a possibilidade da gente efetivamente conseguir dar conta desse desafio e as pessoas terem muito claro o que era criar essa cultura diferente, cultura de participação, cultura lúdica, o que era pensar o esporte e lazer de uma forma diferente.

J.K. – E como que ocorreu a tua preparação para se tornar formadora do PELC?

J.S. – Eu me torno formadora exatamente por essas experiências dos Círculos Populares, então, por causa dessa experiência, a gente vai para a formação do PELC com muita tranquilidade, com muito conforto, que era expandir a experiência que a gente já tinha vivido localmente para ir para o PELC. Eu lembro que as nossas formações, eram formações bem pancada, era Gramsci⁶, Paulo Freire, Pistrak⁷, eram formações que a gente tinha que ler os autores, a gente tinha que discutir, a gente tinha que refletir sobre isso, e tentar fazer as relações. O Coletivo de Autores⁸ estava muito na base das nossas reflexões e era muito isso, ter contato com as experiências que estavam colocadas, como mais avançadas, como por exemplo, o Teatro do Oprimido. A gente fez oficinas, a gente trouxe

⁶ Antonio Gramsci.

⁷ Moisey Pistrak.

⁸ Referência ao livro “Metodologia do Ensino da Educação Física”, do Coletivo de Autores publicado pela Editora Cortez em 1992.

vários colegas da Educação Física para dialogar com a gente sobre o que estava sendo proposto naquele momento sobre esporte, sobre dança, sobre lazer, então, era um processo de reflexão bem pancada [risos].

J.K. – E hoje, quais seriam as tuas atribuições como articuladora?

J.S. – Como articuladora... Eu preciso dizer que eu morro de saudades de ser formadora, porque formadora tem uma relação, com a prática, com os convênios, com as cidades, que é muito diferente e é muito gostosa. Eu lembro com muito carinho das várias formações que eu fiz dentro do PELC e, inclusive, nesse desafio de criar estratégias para colocar a perspectiva de construir junto, em prática. Como articuladora hoje, a gente fica mais nesse papel de tentar aprimorar, não sei se é aprimorar, mas de dialogar, de orientar essas questões pedagógicas que hoje estão sob o comando da UFMG⁹ em parceria com o Ministério do Esporte, então, a partir dessa construção que é feita dentro do grupo que está lotado aqui na UFMG buscando contribuir. A gente se volta para orientar os programas, para discutir o embasamento que está sendo dado pedagogicamente para as ações. Aqui nesse encontro, por exemplo, a gente está com uma reflexão muito grande sobre a questão da Educação Popular, como é que essa discussão da Educação Popular foi se perdendo, um pouco, ao longo do tempo pelas demandas mesmo que estão colocadas pelo projeto, demandas técnicas, demandas políticas, e etc. A gente hoje está fazendo uma retomada, uma volta, *opa*, o que é que ficou, o que é que precisa se reatualizar, e a gente vai construindo um pouco junto na verdade, essa articulação, temos um grupo de articuladores muito experiente. O articulador, ele não tem, ainda que não tenha, como não ter um processo hierárquico, por causa do nível de responsabilidade, mas ele se coloca mais em um papel colaborativo, de orientação, de organização das atividades do PELC, e de tentar olhar para os documentos que a gente está criando, e extrair algumas informações que nos ajudem a avançar.

J.K. – E como que as tuas experiências como formadora contribuíram para essa tua função atual?

⁹ Universidade Federal de Minas Gerais.

J.S. – Decisivamente, ser formadora foi poder conhecer a minha própria realidade. Eu tive a alegria tanto como formadora como consultora, no primeiro momento, de estar lotada no Nordeste que é a minha região, e de com isso conhecer a realidade *mais...* Vamos dizer assim, porque precária não é um nome que engloba o todo, porque tem a precariedade, mas tem as singularidades das questões nordestinas, e o interior do Piauí, o Maranhão, o interior do Rio Grande do Norte, Ceará, Paraíba, Aracajú, acho que o único estado que eu não fui, foi a Bahia. Não fui para nenhuma cidade, mas os outros estados, eu fui para algumas cidades e pude ter esse contato com a realidade local. O que as pessoas efetivamente pensam, querem, estão vivenciando para o bem e para o mal. Para o bem, no sentido que tem os seus modos de vida que são muito próprios, e para o mal que a “TV” consegue chegar onde Deus não chega [risos], para ser pouco radical. A construção de uma cultura hegemônica e homogênea, ela está muito forte, ela choca com a construção do PELC, e esse para mim é um grande desafio. Eu lembro que eu fui para Assu no Rio Grande do Norte, estava como consultora nesse momento. Eu fazia uma reflexão com um grupo lá, um grupo de futebol que tem em todos os PELC, eu acredito, acho que não no Vida Saudável, mas o PELC sempre vai ter uma turminha de futebol, e eu dizia: “Que legal, vocês estão vivenciando futebol, futebol não, futsal, porque era em uma quadra... Vocês estão vivenciando futsal, mas vocês tem um desafio que é criar o futsal de Assu, então, vocês precisam conhecer tudo do futsal, como ele está sendo trazido para vocês. O desafio é a partir desse conhecimento criar o futsal de Assu, porque tem o futsal que vai ser de Assu e de nenhum outro lugar”. *Essa* precisava ser a diferença, e falando sobre isso eu lembrei da minha primeira formação que foi muito marcante. Foi em Campina Grande¹⁰ com o SESI¹¹, e assim o sistema “S”. Ele tem uma grande contribuição no lazer, mas do ponto de vista da forma como ele se estrutura na sociedade, a gente fica, digamos, sem imaginar como vai ser o processo. O PELC de Campina Grande era uma parceria do SESI com o Ministério do Esporte, que naquele momento ainda fazia convênios com outras instituições que não fossem, necessariamente, prefeitura e governo do estado. O que infelizmente isso não pode mais ser feito. E eles solicitaram o PELC, mas eles entraram com um primeiro desafio, que era: as atividades do SESI são só para o pessoal que tem relação com a indústria, relações familiares e tal, e são *pagas*, uma taxa menor, mas são pagas. E eu chegava lá para dizer: “Não, o PELC não pode ser pago, e o PELC não pode

¹⁰ Município do estado brasileiro da Paraíba.

restringir só as famílias dos industriários”. Eles *deitaram*. “E agora?” [risos], “O que a gente faz, onde fomos nos meter?” [risos] Mas foi muito gostoso, porque o grupo que foi colocado naquele momento, era um grupo *muito disposto*, e disposto inclusive a refletir. E eu lembro que quem ganhou o apelido da época, que eu não sabia se era ótimo ou se era péssimo. Eram as duas coisas, porque se é as duas coisas você anula. Era de uma coordenadora fantástica lá da Bahia, que dizia: “Joana, você é uma palavra cruzada nível difícil”. [risos] “Você está trazendo muita coisa nova para a gente, e a gente está tentando entender e estabelecer essa relação”. Só que acho que o trabalho... Eu acho que o ótimo está apontado no final, porque eu tive... Eu acompanhei os três módulos, aliás, eram dois módulos na época, que era módulo introdutório e avaliação. O módulo de avaliação nesse desafio de construir junto, eu queria que eles participassem mais, eu enviei uma carta para os coordenadores, dizendo que a gente iria começar a construir o processo e que queria muito a participação deles e queria que eles respondessem algumas perguntas. Eu perguntava quais eram as expectativas em relação à formação? O que é que eles gostariam que tivesse contemplado? E eles responderam e, a partir das respostas deles, eu construí a programação. Quando eu construo a programação que mandam, eles: “Joana, fizemos algumas modificações, considerando algumas reflexões, inclusive, que você fez com a gente. No segundo dia da formação, nós estamos garantindo a ida a uma fazenda que vamos ter banho de piscina, vamos ter diversas atividades, já que você nos falou que o esporte e lazer são um direito e não são um direito só da comunidade, são um direito também dos agentes sociais”. [risos] Era um argumento, né? [risos]. Isso significa que o meu trabalho tinha dado certo até o ponto que a argumentação para se fazer todo um processo de lazer com os próprios agentes estava dada, passava pelo direito e foi muito bacana. A gente fazia as oficinas nessa fazenda, a gente dormiu na rede embaixo da árvore, e por ser a formadora todo mundo tira foto: “Olha a Formadora dormindo embaixo da árvore!”[riso] E foi muito gostoso a formação com eles, e das próprias alternativas e perspectivas que eles criaram para lidar com essa outra realidade, que era a realidade deles, que era a realidade de SESI, não era uma realidade de ONG¹², não era realidade de prefeitura e foi muito bacana. Essas vivências é que me possibilitaram acessar ao PELC de outro olhar. Eu acho que se eu não tivesse tido essas vivências, esse contato com a realidade, seria mais difícil para mim, me manter em uma perspectiva de tentar garantir

¹¹ Serviço Social da Indústria.

que a realidade local seja, efetivamente, a prioridade, seja efetivamente, este elemento que precisa flexibilizar, do técnico ao político e ao pedagógico. É algo que eu tenho uma... Tem uma poesia do Drummond¹³ que todas as formações eu levei, inclusive com a voz dele que é linda, que é “Mãos dadas” e que ele fala bem isso: “O meu tempo é o tempo presente, ainda que eu considere o futuro e o passado, o meu tempo é o tempo presente”. Então é muito isso, como é que a gente lida com o hoje, mas também nesse diálogo com as coisas que estão se perdendo a partir das contradições desse hoje, a partir das contradições que estão sendo colocadas nesse presente.

J.K. – E quais seriam as diferenças nos planejamentos das formações entre o PELC Todas as Idades, o PELC Povos e Comunidades Tradicionais e o Vida Saudável?

J.S. – Do ponto de vista ideal ou do ponto de vista real? [risos]. Do ponto de vista real, eu acho que a gente está em um processo de construção dessas diferenças, porque o PELC surge em uma perspectiva de todas as idades, exatamente, tentando abarcar essa dimensão mesmo universalizadora, que é uma das diretrizes do PELC. Ele abrange o Vida Saudável por uma demanda que vai sendo posta naquele momento que é esse trabalho com a pessoa idosa. Quando vem os Povos e Comunidades Tradicionais vem por uma demanda de articulação política mesmo. Os Povos e Comunidades Tradicionais estão em pauta política do governo no momento e entram na agenda do PELC. Só que você conseguir fazer as devidas transposições para a realidade tanto dos próprios... Cidades que devem receber os convênios, como de nós da equipe formadora... Não é algo simples, porque, por exemplo, os Povos e Comunidades Tradicionais, eles sempre nos colocam em cheque. E é uma reflexão que a gente fez aqui e que a gente tenta lidar ao máximo, por exemplo, os Povos e Comunidades Tradicionais tem uma dificuldade de relação histórica com as prefeituras, porque as prefeituras tenderam historicamente a invisibilizar esses povos; as prefeituras encaravam esses povos como problemas e como atraso, só que hoje o PELC só pode fazer convênio com *instituição pública*. Quando você faz um Povo e Comunidade Tradicional com a prefeitura, você tem que ralar para chegar efetivamente [risos] no Povo e Comunidade Tradicional porque a prefeitura tende a trazer ao seu centro. A mesma coisa, quando a gente vai estar o contrário. Você faz um convênio... Agora as meninas estavam

¹² Organização Não Governamental.

relatando, Campinas do Piauí, não Campinas do Piauí é PST¹⁴, mas tem outros convênios... Deixa eu ver se eu lembro um exemplo concreto, que é mais tranquilo. É, não estou lembrando um exemplo concreto, mas a gente tem muitos convênios com cidades pequenas do interior dos estados, e que muitas vezes tem esses Povos e Comunidades Tradicionais, mas eles próprios não têm esse conhecimento e a gente tem que estar preparado para *cavar* um pouco da realidade. E para ver isso nos programas, termina muitas vezes vindo a realidade que a equipe, digamos assim, que está colocada lá, os coordenadores de forma geral, que a gente para fazer a programação tem mais contato, os formadores diretamente e a compreensão que o formador teve a partir da pesquisa que ele fez em relação aos locais, tem a questão do acúmulo, as questões das diretrizes. Os programas, eles terminam dialogando muito com as questões dessa realidade. O Vida Saudável que agora se emancipou, mas que para mim ainda é muito PELC, é quem eu poderia dizer que traz diferenciais nos seus programas, pela questão do envelhecimento mesmo. O tema do envelhecimento que não tem como fugir, é independente e que é algo que as nossas diretrizes já apontam como uma necessidade de aprofundamento, mas a gente está fazendo um esforço de tentar garantir, por exemplo, nos programas dos Povos e Comunidades Tradicionais a própria discussão, pelo menos do marco legal dos Povos e Comunidades Tradicionais, da questão de identidade e território, com elementos que precisam estar colocados lá efetivamente.

J.K. – Hoje tu realiza alguma visita nesses núcleos?

J.S. – Não necessariamente, na verdade a visita é uma indicação minha. Se tem algum convênio que identifico que tem alguma problemática, eu vou fazer essa visita, como consultora regional. Eu tinha mais esse papel de visitar, hoje é menos.

J.K. – E na época que tu era formadora, como que tu planejava e organizava as formações?

J.S. – Era uma delícia! Como eu falei o exemplo de Campina Grande tinha um primeiro momento de pesquisa muito grande sobre a cidade, e a pesquisa ia desde os pontos de vista das questões mais de informação, de conhecimento geral, quanto à população do

¹³ Carlos Drummond de Andrade

município, como eles se configuravam economicamente, se ele era mais rural ou mais urbano, essas coisas. Eu acho que principalmente, por uma questão específica minha, as questões culturais e locais e uma orientação que o PELC também trazem para essa questão da valorização da cultura local. Eu sempre procurava poesias que são de pessoas de lá, músicas de artistas de lá, coisas que pudessem fazer, trazer esse debate... E paralelamente, um contato com o convênio, que ia depender do próprio convênio se ele já estava mais estruturado tinha um contato com o coordenador, com a pessoa responsável no Módulo Introdutório. Naquele momento, a gente tinha uma facilidade, comparando hoje com a realidade que os formadores tem, porque como era uma relação muito de fazer *aquela* formação, então a gente tinha toda uma disponibilidade colocada, a gente conseguia mergulhar mais nessa coisa. Ia dialogando com os responsáveis pelo convênio, no sentido de estruturar, algumas vezes conseguia que ele trouxesse sugestões, outras vezes não. Já no Módulo de Avaliação, a coisa já toma um pouco de forma porque era quando conseguia, efetivamente, que as pessoas participassem, elas já tinham feito, as coisas estavam em andamento. Era dialogar sobre a programação, sobre o que deveria ter, como foi o caso de Campina Grande, que eles estruturaram muita coisa, era orientá-los sobre a questão dos relatos de experiência, que coisas eles precisavam pontuar para estar presente, e a partir disso, construir junto, essa programação e também sempre fiz questão. Eu fazia meio que uma apostila, então, eu pegava textos que eu achava interessantes relacionados a cada diretriz, relacionado aos temas principais, um pedaço do manual de implementação, e colocava. Fazia um caderninho mesmo e levava, pedia para eles tirarem xerox, e aquilo também era uma forma da gente se basear e eles terem um referencial para acessarem sempre sobre o programa.

J.K. – E quais estratégias metodológicas tu costumava utilizar?

J.S. – Tudo que tu imaginar, assim, eu lembro que eu usava desenho, colagem, dinâmicas variadas, pintura a dedo, teatro, música, as próprias oficinas esportivas, dança. E aí estava muito ligado também ao que tinha no local. Caça ao tesouro, adoro fazer caça ao tesouro ou caminhada orientada, dependendo do lugar, se dá tempo de fazer uma examinação, dá tempo de colocar os prismas, trabalho muito com “slides”, principalmente, com foto,

¹⁴ Programa Segundo Tempo.

tentando trazer a questão dá... Porque eu gosto muito da reflexão que o Victor Melo¹⁵ faz sobre animação cultural, sobre a educação de sensibilidade, e as minhas escolhas metodológicas sempre passavam por isso. Não bastava para mim, falar, eu precisava fazê-los sentir, então, essa era uma demanda muito forte para mim, precisa fazê-los *sentir no corpo*, vamos dizer assim, alguns elementos e esses elementos iam desde a desigualdade social, eu lembro que eu usava muito o Ilha das Flores¹⁶, que era uma forma de colocar como ponto de partida, corporalmente, essa desigualdade social. Tinha outro que eu achei também, que era um grupo sobre os direitos humanos, Direitos Humanos, a exceção e a regra, que também é muito bom, na verdade é um curtazinho feito todo com fotos, que era a divulgação que eles construíram para uma série de curtas sobre direitos humanos que foi realizado, e era muito bacana. participei do PELC PRONASCI¹⁷, tinha discussão de juventude, e era fazer roda, era discutir com o que existia naquele momento na cidade e os próprios conhecimentos dos agentes, o que eles traziam de conhecimento para a gente refletir junto. Teve várias coisas, depois eu mando os programas para vocês, eu tenho tudo guardado, eu tirava foto dos cartazes, fazia um relatório final bem contextualizado para mandar para o próprio convênio, tinha tudo, poesia, música, todas as estratégias que fizessem isso, que fizessem as pessoas sentirem, como o PELC deveria fazer sentir, acho que era um isso.

J.K. – E que resultados, tu consegue observar nos agentes e nos núcleos a partir dessas formações?

J.S. – Era muito variado, porque é essa coisa. Eu assisti a uma palestra agora a pouco do falando da pesquisa ação, e era a primeira coisa que ele dizia: “Participar é uma relação de escolha também do sujeito”. Quando os sujeitos se engajavam eles tendiam a ter uma relação de emoção com o PELC, e aí os Módulos de Avaliação tendiam a ser muito emocionantes por isso. Por que a gente fazia todo um esforço do sentir e o sentir trazia muita emoção, e os resultados no mínimo eram mais assistencialistas, vamos dizer assim, porque acho que o primeiro ponto, a gente se sensibiliza e a gente se toca no sentido de dizer: “Eu preciso ajudar, preciso fazer algo para ajudar!” Até uma reflexão mais

¹⁵ Victor Andrade de Melo.

¹⁶ Referência ao curta-metragem Ilha das Flores, dirigido por Jorge Furtado (1989).

¹⁷ Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania.

aprimorada de construção do direito social coletivamente, então, a gente ia de uma coisa até a outra, vamos dizer assim... Então, a gente percebia que alguns agentes pelo menos tinham essa sensibilização quanto à desigualdade social que estava instalada, e que o esporte e lazer estavam fazendo parte daquilo, não era algo que estava desconectado disso, até uma reflexão maior sobre a necessidade de políticas públicas, de se estruturar o esporte e lazer dentro da cidade, de se buscar maiores ações dentro das próprias instituições governamentais. Então tinha... Tiveram várias, Maceió foi um exemplo belíssimo, uma ONG, era uma idéia. Sabe aquela coisa, a semente que já está colocada? Aí você joga a semente, e a semente irriga, assim, faz uma árvore linda, foi muito... A minha visão de Maceió, eu tenho um videozinho para passar para vocês, foi muito disso, eles efetivamente criaram o PELC de Maceió, eles efetivamente deram a cara de *cada* bairro e de suas contradições, desde os bairros mais engajados até os que tinham uma dificuldade maior de politizar as reflexões, e aí eles fizeram banda de latinha. Eles conseguiram estruturar vídeo, oficina de vídeo, se articular com um ponto de cultura que já existia na região, fortalecer, criar, eles criaram um festival lindo, integrando diferentes núcleos, e aí tinha essa coisa do núcleo menos politizado, mas participava junto com o mais politizado e as coisas iam formando relações que a gente nunca sabe onde vai dar, e aí foi um trabalho muito bonito deles saberem e deles questionarem o poder público. E aí eu lembro que tinha Jaraguá, que eles conseguiram a partir do PELC fortalecer uma liderança para ocupar a associação dos moradores, garantirem um ponto de cultura para lá, e brigar por um território pesqueiro que estava sendo disputado para a instalação de um shopping empresarial, alguma coisa assim. E aí por muito tempo ainda a coordenadora me mandava: “Olha Joana, a gente está fazendo isso, as meninas estão engajadas”. E aí fizeram uma exposição linda na nossa formação de avaliação, era eu e Diná¹⁸ na época, então, uma rede de pesca com as fotos... Então se apropriava dessa construção, mas a partir muito disso, se era uma população que estava solicitando este direito, eles *agarravam* o direito com todas as suas forças, outras populações que já não precisavam, era algo a mais. Não necessariamente, por vezes, era vivenciar com muita alegria, mas não passava do vivenciar, muito dinâmico essa questão dos resultados, mas acho que a gente tem resultados muito bonitos, muito bonitos. Acho que essa coisa do engajamento, do envolvimento elas também cativam, por isso que para mim é muito forte essa coisa do sentir. O outro ele também sente o teu compromisso, e a

¹⁸ Diná Teresa Ramos de Oliveira.

tua disposição e ele se permite ou não se engajar nisso, e não necessariamente passa por um processo de reflexão racional, que precisa vir junto, mas que não necessariamente passa. Então é muito legal!

J.K. – E tem algum acompanhamento dos núcleos após o fim do convênio deles?

J.S. – Não!

J.K. – Não.

J.S. – Não tem, na verdade os PELC's que conseguiram ter continuidade, algum tipo de renovação, alguma coisa, é que são experiências acompanhadas, porque vieram renovando. Nem tem renovação né, mas vieram conseguindo junto ao Ministério ter outra parceria... Tanto que outra coisa que mudou no PELC foi essa questão da duração, que era só um ano e virou dois anos, pelo reconhecimento disso, tu não tinha como que o direito arraigasse a cidade com *um ano*, com um ano as pessoas estão começando perceber que aquilo parece ser importante para a sua cidade [riso], então, quando a gente fala de sociedade, os processos... O tempo ele é diferente, acho que era legal a gente criar um relógio social, assim, para perceber que, a nível de sociedade, o *tempo*, ele é muito diferenciado, muito diminuído, então, não, a gente não tem acompanhamento, no máximo quem manteve algum tipo de relação com os convênios pode ter um diálogo, mas não.

J.K. – Não tem.

J.S. – Não, terminou com o PELC.

J.K. – Tu percebe que os núcleos tem obtido êxito no processo de municipalização?

J.S. – “Es la question?” [risos]. Eu acho que do ponto de vista institucional o esporte e lazer ganhou visibilidade, mas é complicado você dizer que não avançado com a quantidade de secretaria, de diretoria que se criou no Brasil inteiro. Então, do ponto de vista da institucionalização, eu acho que no *mínimo* a gente gerou inquietação. E gerou

inquietação que essas políticas podem ser melhores e maiores do que eram, a maioria, geralmente, inexistente. E aí, quando a gente vai para município pequeno isso é muito forte, isso é muito forte. Por outro lado, acho que as *questões políticas*, e aí, a situação que a gente viveu hoje no Ministério do Esporte, é um retrato disso, ainda fazem com que o esporte seja a necessidade *não básica*, vamos dizer assim, a necessidade não básica que no final pode ficar para depois, pode ser rifada de alguma forma por interesses políticos, então, isso faz perder muito. Em Recife a gente teve esse processo muito forte, principalmente, quando você tem um embate político *forte*, a tendência é do grupo que vem, de querer te fazer desaparecer, mas você não consegue fazer desaparecer quando arraigou na cidade. Então, por exemplo, uma grande sacada do CPEL¹⁹ foi ter conseguido se espalhar, assim, na cidade e formar pessoas, os agentes sociais eles são fundamentais. Na verdade se o PELC consegue deixar alguma coisa, é pelas pessoas que ele forma, e aí é muito legal quando a gente volta para algum convênio, ou conversa com algum gestor e aí você vê que os agentes formados pelo PELC, estão no Segundo Tempo, estão no Projeto Cultura, estão em tudo que é canto. Por que é isso, quando você forma as pessoas, as pessoas vão dar continuidade aos processos, mas de um ponto de vista mais institucionalizado ainda é uma moeda de troca o esporte e lazer. A gente ainda não tem uma pesquisa sobre isso, que seria legal a gente ter esse retorno, mas do ponto de vista da minha percepção é isso, a gente tem um impacto, acho que até indo um pouco com o que eu trabalhei na minha tese, acho que a gente criou uma figuração social mínima, que as prefeituras requerem, então, é muito difícil você ver uma prefeitura que passa por um PELC ou outros projetos, que conseguem não fazer mais algum tipo de projeto para o município. Isso não quer dizer, porém, que ele vai estar sendo realizado do ponto de vista da sua politização, de não ser algo só assistencial, só da atividade pela atividade, mas eu acho que esse primeiro passo da estrutura do projeto, a necessidade de olhar para o esporte e lazer, nesses... Acho que a gente está há doze anos com o PELC, e essas políticas todas devem ter uma margem de quinze anos, e nesses quinze anos acho que é o que a gente consegue fazer avançar, e aí dependendo das questões políticas, alguns municípios conseguiram, efetivamente, institucionalizar o PELC, com alguma experiência similar e outros não.

¹⁹ Círculos Populares de Esporte e Lazer do Recife.

J.K. – E há algum núcleo que tu tenha acompanhado mais próximo, e que está experiência tenha te marcado?

J.S. – Pois é eu acho que Campinas Grande foi uma experiência marcante, essa experiência no SESI; Maceió foi uma experiência muito marcante, devido a esse elemento. Tive a oportunidade de acompanhar na minha própria cidade, o governo de Pernambuco e a Universidade Federal fizeram um convênio na época e eu fui formadora. O governo de Pernambuco, *nossa* foi uma oportunidade fantástica de relação com o meu próprio estado, e suas contradições, por outro lado, infelizmente, foi o convênio que... Por essas questões políticas, *nossa*, *sofrido* [risos], *difícil*, *difícil*, e você via, claramente, as dificuldades que eram colocadas, mas agora assim, de lembrança e acho que são as que ficaram marcantes mesmo, é lá de Maceió e Campina Grande, acho que são os dois. O Lauro de Freitas também, apesar que foi o PELC/PRONASCI que eu não lembro se eu fiz todos os módulos, acredito que não, mas também foi tudo muito marcante pela diferença da própria constituição da cidade. Era uma cidade muito negra, e eu cheguei a ter sido... Do preconceito as avessas, a agente social, eu discutindo preconceito, foi dizer: “O professora...”. Todo mundo refletiu, concordando e tal: “Professora, mas tem o contrário também, minha vó que me criou que era negra, ela me colocava em cima do telhado para pegar sol para eu ficar com cor de gente”. [risos] E é claro que a gente sabe que é exceção, não é regra e a gente faz toda uma discussão, mas eu lembro que isso me marcou muito forte, das contradições que estão colocadas no próprio espaço e eu lembro que foi um “uá”, todo mundo espantado e ao mesmo tempo rindo e eu tentei exatamente mostrar para ela, que esse processo também é um processo de resistência, é um processo de exclusão social que estão impostos para aquele grupo, mas foi algo incrível. Eu acho que esses três são os que me veem mais forte a memória agora. Tem Várzea da Paraíba também, mas que depois eu não pude continuar. Eles fizeram avaliação em um momento que eu não tinha como estar perto, infelizmente, uma cidade de dois mil habitantes que jurava que não tinha desigualdade social. A desigualdade social mais invisível, porque ela está nas ruas, e foi muito legal a gestora dizendo: “Joana, você nos alerta para uma coisa que a gente não tinha pensado, as pessoas tem vergonha”. Por ser uma cidade muito pequena as pessoas tem vergonha de passar necessidade, elas passam necessidade dentro de casa, não quer dizer que necessidade não existe, mas é uma outra forma de desigualdade social que está

colocada e foi uma reflexão muito bacana, muito bacana, mas aí vinha também os mitos e tabus que são criados nos interiores do nordeste brasileiro: “Joana, você é muito inteligente você tem que ir para São Paulo”; “Menina você está se perdendo, você tem que ir para São Paulo”. E aí era isso, o ideal que era criado para essas cidades é São Paulo, não era a sua própria cidade, não é nem João Pessoa [risos], é São Paulo. Então eu tenho lembranças muito legais desses processos de reflexão, foi um processo. Eu aprendi mais, eu aprendi muito, foi um aprendizado na veia, sobre o que é efetivamente tudo isso que a gente se propunha no PELC.

J.K. – E dentro do PELC tu consegue identificar alguma coisa que deveria haver alguma melhora?

J.S. – Eu acho que nós temos muitos desafios, e o desafio maior é que a gente está em uma conjuntura muito difícil, então, eu lembro... Eu estou escrevendo um artigo sobre educação Popular agora para a revista e fazendo essa reflexão, e aí uma das coisas que o Gadotti²⁰ fala no livrinho dele “O que é Educação Popular”, é toda aquela movimentação da educação de adultos, todos os movimentos de educação e cultura popular que foram criadas surgiram, a partir de uma conjuntura e de um contexto social muito favorável, muito disponível a resolver os problemas sociais que estavam colocados. E quando a gente começa o PELC, a gente está nesse sentimento, a gente está em governos democráticos populares que estão na esperança da população, que estão efetivamente a disposição da população para *mudança*, para resolver os seus problemas sociais, para modificar as estruturas desiguais que estão colocadas. É um momento de muita esperança, de muita criatividade, de muita disposição, de muito engajamento e hoje a gente está exatamente no revés, exatamente de desencanto, de desesperança, de achar que aqueles que a gente colocou no poder, se engajaram na estrutura burocrática de tal forma que não conseguiram romper com algumas coisas importantes; que a esperança pudesse dar continuidade, mas tenho dúvidas também se diante do processo social mais amplo se essa esperança tem como durar muito mais tempo, mas é uma coisa histórica, que faz parte do nosso contexto social de disputa mesmo, de disputa política, acho que o PELC eu acho que hoje ele tem um primeiro desafio que é o de sobreviver. [risos] O primeiro desafio hoje do PELC é de

²⁰ Moacir Gadotti.

sobreviver mantendo princípios dentro de uma conjuntura política que é de desesperança, que é de negação de toda uma contribuição histórica e política que foi dada pela esquerda no Brasil, e que hoje a mídia faz questão de colocar como se fosse só balela, como se, efetivamente, isso não tivesse acontecido na prática. Eu acho fantástico os relatos quando a gente vai para as comunidades mesmo, a gente fez uma atividade lá na rural, e chamou os agricultores, eu estou muito envolvida na questão da extensão rural hoje, que é onde eu trabalho, e aí um colega que é muito esquerdista foi fazer uma discussão sobre as políticas de governo, muito assistencialistas, e que o PT e que a esquerda fez, aquele discurso bonito de que a esquerda se perdeu, o PT não fez nada. E um agricultor com muita propriedade disse: “Amigo, só quem pode saber a importância do Bolsa Família²¹, é quem viveu, mais ninguém, então, não venha dizer que Bolsa Família não presta, porque você não foi lá saber a diferença que isso fez na vida da gente”. A mesma coisa um colega da Federal do Piauí²², por exemplo, que diz: “Joana, a energia elétrica chegou agora no interior do Piauí, uma coisa que é tão tradicional para a gente, mas que chegou agora, trator, carro pipa, só puderam ser acessadas na maioria das cidades, por causa desse governo”. Uma coisa que as pessoas às vezes não olham, é a própria interiorização das universidades, a possibilidade foi dada por este governo porque os outros precisam que os interiores fossem sempre dependentes, porque para os outros o campo, por exemplo, não é espaço de vida, é um espaço de mercadoria para a cidade. Então, assim, essas coisas que estão arraigadas de contribuição vem sendo distorcida pela mídia e o PELC vai junto, mas é o PELC que conseguiu chegar em interiores que jamais se imaginava falar em lazer, em esporte, em direito social, então, ele é uma das políticas públicas que consegue lançar isso, mas ele normalmente vive um desafio de sobreviver, de sobreviver enquanto PELC. Eu lembro com muito pesar quando os Círculos Populares terminaram, um gestor virou para um coordenador amigo nosso, um gestor novo que assumiu lá o local e disse: “Que nós tínhamos um convênio com o PELC”. Aí ele disse: “Você quer que a gente nas comunidades chame de Círculos Populares ou você quer que a gente chame de Esporte e Lazer da Cidade?” Aí ele disse: “Quando você vai na feira, e você quer um refrigerante, importa se Coca ou Fanta?” E aí o meu colega parou e relatou isso para a gente, então, esse é o desafio do PELC, não se tornar mais um refrigerante, porque é a tendência, é a tendência da conjuntura política que está colocada hoje no nosso país, então, acho que de

²¹ Programa do Ministério de Desenvolvimento Social.

todas as contradições que podem haver, esse é o desafio maior dele; é sobreviver diante da conjuntura que está colocada hoje, sobreviver com princípios, sobreviver voltado para as classes populares, como foi a sua ordem de existência, digamos assim. Então eu acho que esse [risos]... Todos os outros ficam no chinelo diante desse.

J.K. – Teria alguma coisa que eu não te perguntei que tu gostaria de colocar? Que ficou faltado talvez.

J.S. – Não, acho que não, tenho muitas memórias, eu vou enviar muitos materiais para vocês e a partir disso, eu acho que vou rememorando também as coisas. Mas acho que era isso, as deliciosas memórias puderem ser revisitadas.

J.K. – Eu agradeço em nome do Centro de Memória do Esporte. Muito obrigada!

[FINAL DA ENTREVISTA]

²² Universidade Federal do Piauí.